

RELIGIÃO E CIÊNCIA

O presente número da RBFR traz uma discussão atual e de extrema importância, as possíveis relações entre ciência e religião. Composto de uma resenha e 10 artigos, muitos deles apresentados e debatidos durante o I Simpósio de Filosofia da Religião da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná– UNICENTRO, o presente número se constitui em referencial de extrema importância para a pesquisa brasileira em filosofia da religião, principalmente no que tange às questões referentes à ciência e religião.

O artigo de Charles Taliaferro, intitulado *Consciousness as a prerequisite for science and religion*, abre este número com o importante debate entre naturalistas e não-naturalistas a respeito do entendimento de nossa consciência, ou seja, de nós mesmos como seres possuidores de intencionalidade e de como, dependendo da resposta dada, esse entendimento influencia na compreensão naturalista do cosmos. De modo claro e instigante, Taliaferro reconstrói o debate da filosofia da mente sobre o problema da consciência e defende que a existência da consciência é mais fácil de ser defendida do que a existência da realidade exterior à mente e que o estudo do problema da consciência pode ajudar e muito nos estudos tanto da filosofia da religião quanto da filosofia da ciência.

O problema da consciência é realmente importante para o debate da relação entre ciência e religião, mas um assunto tão importante quanto é, sem dúvida, a questão se a crença em Deus pode ser considerada uma hipótese científica e esta é a temática do trabalho de Mikael Stenmark. Em seu artigo, ele discute com grandes autores da filosofia da religião contemporânea como Plantinga, Swinburne, Clayton e Knapp. Após fazer uma breve introdução a problemática, Stenmark define o que é uma hipótese científica e o que é uma hipótese em geral e aplica tais definições ao problema da crença em Deus. Neste sentido o mesmo discute duas questões diferentes, a saber, se a crença religiosa deve ou deveria ser uma hipótese ou se o crente vê ou pode ver a crença em Deus como uma hipótese científica. A resposta a estas questões leva a caminhos diferentes e tal esclarecimento se torna essencial para a relação entre ciência e teísmo.

Victoria Harrison, por sua vez, brinda-nos com um excelente texto comparando a ideia de conhecimento entre ocidente e oriente através do conceito de metáfora que para ela, seguindo George Lakoff and Mark Johnson, constitui-se num excelente instrumento para a compreensão de nosso aparato cognitivo. Ela compara várias metáforas usadas no oriente e ocidente no que tange ao conhecimento e mostra as diferenças e semelhanças entre o fazer científico ocidental e o oriental. O texto de Harrison, neste sentido, constitui-se num ótimo exemplar de filosofia da religião e filosofia da ciência comparadas.

O texto de Marciano Adilio Spica defende que tratar religião e ciência como visões de mundo no sentido de visão de mundo científica e visão de mundo religiosa é um equívoco, fruto da ideia de que seria possível deixarmos completamente de lado nossas crenças primitivas e viver somente de crenças racionais e evidencialistas ou de que somente um ramo do saber faz uso da razão. Partindo de uma análise do conceito visão de mundo e de como ela é formada, o autor defende que a mesma constitui-se tanto de crenças imediatas (sem o uso necessário da reflexão) e crenças mediatas (mediadas pelo uso da razão) e mostra os efeitos de tais ideias no debate da relação entre ciência e religião.

No mundo contemporâneo, ao discutirmos ciência e religião, não podemos deixar de ampliar nosso olhar até as tecnologias que, em muitos sentidos, transformam nosso mundo e, ao fazer isso, acabam por transformar nossa visão sobre eles. Gilmar Szczepanik, em seu artigo *A arquitetura religiosa e o design tecnológico*, nos mostra como, histórica e conceitualmente, é possível aproximar a religião e a tecnologia e a prova disso é a íntima relação entre religião e arquitetura.

O artigo *Acción divina, mente y ciencia moderna*, que tem como autor Camilo Andrés Garzon Martínez, explora o lugar da mente nas abordagens contemporâneas da ação divina no mundo e os questionamentos que a ciência moderna traz ao problema da causação divina. Tal abordagem é feita a partir de uma comparação entre Arthur Peacocke e Philip Clayton. A partir dessa comparação, o autor conclui que não podemos chegar a uma explicação plena da causação divina, mas isso não impede que a estudemos.

Em *O naturalismo metodológico limita a ciência?*, Paulo Marins Gomes defende que o naturalismo metodológico pode não somente limitar a ciência no sentido de ser um delimitador do que é e do que não é ciência, mas pode também restringir a atuação da ciência e isso se deve ao fato de que o naturalismo não leva em conta o fato de que a

questão ‘existência de Deus’ ainda está em discussão, ou seja, não há uma resposta definitiva para a inexistência Dele. Caso ele exista, porém, isso tem implicações para nossa compreensão de mundo e, assim, o naturalismo, ao negar a possibilidade de tal existência, estaria produzindo respostas erradas sobre o mundo.

Talvez pudéssemos dizer que, em algum sentido, o naturalismo nos leva a uma fé cega na ciência, fé esta que C. S. Lewis dizia que nos levaria a abolição do homem e da ideia de natureza humana. É justamente essa posição de C. S. Lewis que é abordada no artigo *Ciência, tecnologia e cristianismo na obra de C. S. Lewis*, de autoria de Luiz Adriano Gonçalves Borges. O artigo aborda o pessimismo e a consequente desilusão de Lewis com a promessa de avanço da ciência, além de sua perspectiva cristão sobre o mundo neste que é um dos grandes autores do século XX.

No penúltimo artigo, *Existential Quantifier, Logic and the Christian Trinitarian Monotheism: an investigation of a relationship between formal sciences and philosophy of religion*, Paulo Júnior de Oliveira discute a relação entre a ciência formal da lógica semântica e algumas noções monoteístas, politeístas e cristãs trinitárias. O autor defende que o termo “Deus” é um termo polissêmico e é frequentemente tratado tanto como sujeito quanto predicado, além de defender que a conjunção do “Dogma da Trindade” com algum tipo de “posição monoteísta” não pode ser realizada sem a implicação de alguma espécie de anormalidade semântica.

O último artigo, de Maxwell Morais de Lima Filho, intitulado *A Crítica de Darwin ao Argumento Teleológico de Paley*, retoma o já clássico debate sobre o argumento do design *versus* a teoria da evolução e reconstrói os principais argumentos de ambos os lados. Depois de uma interessante reconstrução tanto dos argumentos de Paley quanto de Darwin, o autor toma partido pelo segundo, afirmando que é possível encontrar elementos na natureza que se mostram não dependentes de nenhum planejador.

Além dos artigos, o presente número possui ainda uma resenha do livro *A ciência e seus mitos: críticas de um cientista ao cientificismo materialista*, realizada por Leonardo Francisco Schwinden, a qual mostra a importância de tal livro para o debate ciência e religião.

Cabe, ao final, fazer alguns agradecimentos às instituições que tornaram possível a realização deste número. Em primeiro lugar, um agradecimento especial à John Templeton Foundation que apoiou financeiramente o evento realizado em Guarapuava e que originou este número especial. Não se pode esquecer também do apoio irrestrito da Associação Brasileira de Filosofia da Religião responsável por esta revista e também promotora do já referido evento. Cabe também um agradecimento aos editores da Revista Brasileira de Filosofia da Religião que aceitaram a proposta deste número temático e tiveram um trabalho incansável para que ele se tornasse realidade. Por último, um agradecimento ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) que teve papel fundamental para que o I Seminário de Filosofia da Religião da UNICENTRO se realizasse e que, deste modo, se tornou co-responsável por criar um ambiente propício ao debate filosófico que levou a este número especial sobre Ciência e Religião.

Marciano Adilio Spica

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC com Pós-doutorado pela University of Glasgow – Scotland. Atualmente é professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO.

